

Empresas assumem ensino básico

Guacema

por Nora Gonzalez
de São Paulo

As deficiências no ensino brasileiro estão levando muitas empresas a tentar suprir essas falhas através de iniciativas próprias. O princípio que norteia essas atitudes, muito mais do que a filantropia, é o interesse da própria indústria, que, apesar dos elevados índices de desemprego, não consegue mão-de-obra com um mínimo de qualificação.

"Isso acontece em todos os níveis", constata o consultor de recursos humanos Onor dos Santos Araújo. Muitas empresas dispostas a dar treinamento especializado a seus funcionários descubram que precisam, primeiro, alfabetizá-los. Esse foi o caso do grupo Sanbra, a segunda maior empresa de óleos vegetais do País segundo a revista Balanço Anual, que instituiu um programa de incentivo ao ensino básico para seus funcionários há mais de vinte anos. Hoje de um total de 1,1 mil funcionários na unidade Jaguaré, cem freqüentam periodicamente o curso mantido em convênio com a Fundação Bradesco e o índice de analfabetismo, segundo seu gerente de recursos humanos, Evaldo José Burcoski, foi reduzido a zero.

Na unidade de Santos o sistema adotado é diferente, pois foram constatadas

duas dificuldades para o ensino: falta de recursos e de tempo. A solução, segundo Márcio Roberto Vechi, foi levar diariamente uma professora entre as 14 e 17 horas para dar aulas de alfabetização. A empresa participa, ainda, com lanche e material escolar para os alunos e desde sua implantação, em 1989, a escolinha formou nove alunos. Hoje sentam-se em seus bancos 22, de um total de 520 funcionários. "Constatamos maior qualidade de produto e maior produtividade, além de um ambiente de trabalho mais agradável com o curso", diz Vechi.

Na unidade da Petybom em Goiânia, do mesmo grupo, todos os 330 funcionários são alfabetizados e aprendem noções simples

de matemática. O sistema utilizado é o mesmo de Santos e o custo, de 1,5 salário mínimo por mês mais despesas com material escolar, é pago pela empresa. "Os resultados são positivos", garante Paulo Roberto Costa Nogueira, gerente da fábrica. Atualmente há vinte alunos inscritos no programa — a maioria com curso primário incompleto.

A Plavinil, fabricante de plásticos, segunda empresa do setor segundo a publicação Balanço Anual, foi mais além. Investiu US\$ 250 mil na construção de uma escola em suas instalações e já conseguiu até mesmo a aprovação do currículo pelo ministério da Educação e Cultura. O objetivo é dar cursos de até segundo grau para seus 640

funcionários. A carga horária será de três horas e meia e 191 funcionários já se inscreveram. Para isso, a empresa contratou 13 professores que passaram a ser funcionários da própria Plavinil.

A Fiat Allis, fabricante de máquinas rodoviárias, motoniveladoras e retroescavadeiras, vai implantar ainda este ano um curso supletivo. "A idéia é elevar o nível de conhecimentos", disse Pedro Campos, do departamento de recursos humanos da empresa. Atualmente, dos 900 funcionários nenhum é analfabeto, mas muitos têm o curso primário incompleto. As outras opções a serem analisadas são um sistema de reembolso das despesas com estudos ou mesmo a contratação de professores.